

Sindicatos criticam programa

por Denise Arakaki
de São Paulo

O aumento de impostos federais anunciado na sexta-feira pelo ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, e que faz parte da nova proposta orçamentária para 1994, foi criticado pelos empresários do setor da construção civil de São Paulo.

Segundo o vice-presidente de economia do Sindicato da Indústria da Construção Civil de São Paulo (Sinduscon-SP), Eduardo May Zaidan, "mais uma vez estão tirando dinheiro do setor produtivo para aplicar no setor improdutivo". Para Zaidan, "o governo precisa fazer a lição de casa, isto é, cortar mais fundo os seus gastos e tentar passar uma reforma tributária ampla no Congresso ao invés de aumentar impostos".

Mesmo os cortes anunciados não foram vistos com "bons olhos" pelo vice-presidente do Sinduscon: "Quando vemos que a folha de salários da União era, há dois anos, de US\$ 9 bilhões; que hoje, com todos os 'cortes' chega a US\$ 18 bilhões, e que para 1994 projetam-se gastos com sa-

lários da ordem de US\$ 27 bilhões, só podemos ficar escandalizados".

"Se o governo não sinalizar que está disposto a fazer sua parte, dificilmente vai conseguir que a sociedade civil continue bancando as contas. Em consequência, teremos redução da atividade econômica e aumento da sonegação", disse Zaidan.

O presidente do Sindicato das Empresas de Compra, Venda, Locação e Administração de Imóveis Residenciais e Comerciais de São Paulo (Secovi-SP), Ricardo Yazbek, teme que o governo tente resolver todos os problemas com a simples elevação das alíquotas dos impostos. "Quando todos sabemos que o fórum ideal para se obter uma ampla reforma fiscal, tributária e do Estado é a revisão constitucional", disse Yazbek.

O presidente do Secovi lembrou que, nos últimos cinco anos, o mês de dezembro tem sido marcado pelo anúncio de pacotes tributários de emergência. "Eu pergunto: como é possível conduzir um país desta maneira?", questionou Yazbek.